

GES  
PCP

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

**Avante!**

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

**AUMENTAR AS RECEITAS DO PARTIDO  
uma tarefa política importante**

Considerar a recolha de fundos para o Partido como uma tarefa política e levá-la à prática como uma tarefa política que exige trabalho de organização, confiança e ligação às massas e desenvolvimento de iniciativa dos quadros — é um imperativo urgente!

Que os nossos militantes e simpatizantes organizem por todo o lado iniciativas viradas para a classe operária e as massas trabalhadoras, felando-lhes das necessidades do Partido e expondo-lhes ao mesmo tempo a sua linha política e os seus objectivos.

O Partido Comunista precisa de aumentar as suas receitas para poder realizar as grandes tarefas políticas, orgânicas, de propaganda e agitação que a actual situação exige; para poder conduzir a luta do nosso povo à revolução democrática e nacional, e guiá-lo a seguir até à revolução socialista.

**A Conferência Internacional dos Partidos Comunistas e Operários  
GRANDE VITÓRIA DO MOVIMENTO COMUNISTA  
CONTRA O IMPERIALISMO — PELA UNIDADE**

Terminaram no dia 17 de Junho os trabalhos da Conferência Internacional dos Partidos Comunistas e Operários (que reuniu representantes de 75 Partidos) com a aprovação do Documento final sobre as «Tarefas da luta contra o imperialismo na actual etapa e a unidade de acção dos Partidos Comunistas e Operários e de todas as forças anti-imperialistas».

No último dia foram também aprovados um apelo sobre o Vietnam, um apelo sobre a paz e um documento sobre o centenário do nascimento de Lenine. Durante os seus trabalhos, a Conferência dirigiu mensagens de saudação e apoio à luta do povo vietnamita e ao seu novo Governo Revolucionário Provisório e aprovou, entre outros, documentos contra a repressão em Espanha, na Grécia e o terror no Haiti, e uma mensagem de solidariedade ao povo e aos comunistas da Indonésia.

Todos os documentos serão enviados aos Partidos Comunistas que não assistiram aos trabalhos.

Foi tomada a decisão de convocar um Congresso Mundial Anti-Imperialista que reúna todas as forças anti-imperialistas. A preparação deste Congresso foi confiada a uma Comissão, aberta a todos os Partidos que desejem participar.

A Conferência é uma nova e grande vitória do Movimento Comunista Internacional que dela saiu mais forte na sua unidade marxista-leninista. A sua realização e os seus resultados transformaram os cálculos e os esforços do imperialismo e da reacção.

Os objectivos da Conferência foram plenamente alcançados:

— Reforçou-se a unidade dos Partidos Comunistas na sólida base marxista-leninista do internacionalismo proletário, visando a acção prática e coordenada e a solidariedade recíproca nas tarefas urgentes e imediatas da luta contra o imperialismo e o colonialismo, pela liberdade, e a independência dos povos e a paz, pelo socialismo e o comunismo.

— Existiu acordo completo de todos os participantes sobre os problemas fundamentais: a luta anti-imperialista e a necessidade

**A DELEGACÃO DO PCP  
À CONFERÊNCIA**

O Partido Comunista Português esteve representado na Conferência por uma delegação composta pelos camaradas ALVARO CUNHAL, JOSÉ VITORIANO e CARLOS ABOIMINGLES. Na intervenção feita na sessão plenária, de que o «Avante» publica alguns extractos, ficou expressa a posição do PCP em relação aos mais importantes problemas em discussão.

do reforço da unidade do movimento comunista internacional.

Todas as delegações presentes na Conferência, todos os Parti-

dos que nela participaram, são unânimes ao considerá-la um sucesso, e todos reconhecem que os seus resultados e conclusões são de grande importância para o movimento comunista no seu conjunto e para a actividade de cada Partido.

Outro aspecto também unanimemente assinalado, é o carácter aberto e fraternal das discussões, numa atmosfera de camaradagem e compreensão mútua. Através de um debate franco, democrático e profundo, foram abordadas com clareza as divergências existentes e tratadas as questões fundamentais da actual conjuntura mundial. Tanto na Conferência como nos seus trabalhos preparatórios (continua na 6.ª pág.)

**OS ESTUDANTES DE COIMBRA VENCERÃO!**

Ao entrar no 3.º mês, o LUTO ACADEMICO dos estudantes de Coimbra culminou na mais elevada manifestação de unidade e firmeza combativa das massas estudantis: o BOICOTE AOS EXAMES, numa Universidade invadida pelas forças policiais.

Decidido em Assembleia Magna por mais de 5.000 estudantes (apenas com 40 abstenções e 190 votos contra), o boicote aos exames constitui uma vitória da força unida e esclarecida dos estudantes sobre as forças da repressão. Na primeira semana, foram obti-

dos estes resultados significativos: numa população estudantil de 8.700 alunos, contava-se em 580 (4,5%) o número de amarelos. Votados ao desprezo e às justas recriminações dos seus colegas, só com escolta policial e munidos dum miserável salvo-conduto ousaram trair a causa dos estudantes comparecendo aos exames.

Em defesa duma prefensa «liberdade de exames», as ruas da cidade passaram a ser patrulhadas por jeeps e carrinhas policiais criando um clima de terror

de que se procurou culpar os estudantes em luta. A cidade universitária, bloqueada pela GNR, polícia de choque, agentes da Pide e da PSP, permitindo o acesso apenas aos que conspiram a Cultura, é a verdadeira imagem duma Universidade acorrentada que de há muito deixou de responder aos interesses dos estudantes e da Nação.

Uma vergonhosa campanha de calúnias contra os estudantes foi desencadeada pelo governo, autoridades académicas e Polícia Judiciária, enquanto era impedida a mais pequena informação ao País sobre os acontecimentos em Coimbra.

Só os valentes estudantes, pelos seus próprios meios, têm procurado manter informado o povo português. Em comunicados das várias Faculdades e da Associação Académica e em tarjetas satíricas, denunciam as actividades policiais das autoridades académicas e de vários professores colaboracionistas que têm dado os mais vergonhosos exemplos de indignidade à juventude, indo ao ponto de instigar os estudantes à delação e ao perjúrio. Em desfiles e cortejos pelas ruas da cidade, milhares de estudantes dão provas de exemplar serenidade e consciência cívica, distribuindo, com flores, comunicados à Cidade e à Nação.

Dirigindo e participando directamente na campanha de opróbrio com que os fascistas têm tentado denegrir a luta dos estudantes, (continua na 4.ª pág.)

**CONTRA AS ILUSÕES LEGALISTAS  
ADIANTE, PELA CONQUISTA DAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS**

Enquanto fala demagógicamente em «liberdade» e em «igualdade de condições» nas próximas «eleições» para deputados, o governo de M. Caetano tudo faz para reprimir a acção dos democratas que não se submetem a movimentar-se dentro dos estreitos traçados pelo fascismo caetanista.

Num clima de intimidação que se vive de norte a sul do País, o governo ordena acções terroristas de tipo nazi contra os comunistas e outros democratas, como é o caso das recentes prisões dos militantes comunistas Angeio Velloso, Cabral de Matos e Manuel Pedro. Tem sido nestas condições que a classe operária, as massas trabalhadoras e estudan-

tes e os democratas têm desenvolvido as suas acções reivindicativas e realizado as mais variadas iniciativas políticas contra o fascismo, pela liberdade e a democracia.

É nestas condições difíceis que as acções reivindicativas e antifascistas deverão prosseguir, ca-

da vez melhor organizadas e alargadas, coordenadas à escala local, regional e nacional, no mais largo espírito unitário.

Avançar audaciosamente e com confiança na força e potencial revolucionário inesgotável das massas populares, eis a consigna da hora presente.

**O carácter fascista  
do regime e do governo não mudou**

Apesar dos factos terem vindo a mostrar dia a dia a falsidade da teoria «liberalizante», pregada por elementos que a si próprios se apelidaram de «socialistas antitotalitários», estes parecem interessados (como o está M. Caetano) em impingir como

artigo de primeira qualidade aquela venenosa mercadoria.

Terá sido considerada uma medida «liberalizadora» do governo a autorização concedida aos drs. Mário Soares e Gustavo Soromenho para se deslocarem a In- (continua na 2.ª pág.)



# 3 CONDECOORAÇÕES A CRIMINOSOS

## Caetano reforça as alianças imperialistas

O general Lennitzer, um dos braços sangrentos do imperialismo americano na guerra da Coreia e um dos responsáveis pelo genocídio das patriotas coreanas e da população indefesa com armas bacteriológicas, ex-Comandante Supremo Aliado na Europa, foi condecorado pelo governo de Caetano com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Aviz. Expressou em agradecimento o seu forte apreço ao governo fascista pelas facilidades concedidas à NATO durante o período do seu comando, isto é, pela subserviência fascista ao imperialismo americano, a cadência de Bases Militares em território português, o apoio incondicional às aventuras bélicas e às provocações contra os países socialistas e contra a liberdade dos povos da que a NATO é instrumento.

Hildegard Muller, ministro dos Negócios Estrangeiros da África do Sul recebeu a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo, uma das mais antigas e importantes condecorações portuguesas, como foi acentuado no momento da entrega. Quais as razões? — A desumana política racista da África do Sul, as sangrentas repressões contra as populações sub-africanas que lutam contra a exploração e pela igualdade de direitos, os conflitos e alianças fascista-colonialistas da África Austral de que o seu governo é eixó e em um dos executores. Uma condecoração que cimenta a colaboração criminosa dos dois governos contra os movimentos de libertação dos povos africanos.

Herbert Muller Roschach, ao cessar as suas funções de embaixador da Alemanha Federal em Portugal, foi condecorado pelo governo de Marcello Caetano com a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique. Quis assim o governo de Caetano mostrar o seu alto apreço e consideração pelo responsável da milhares de assassinatos, executados às suas ordens quando era chefe da «seção de assuntos judaicos» sob o governo de Hitler. Muller-Roschach usava o segundo nome como disfarce para ocultar a sua personalidade de criminoso da guerra, mas foi chamado pelo governo da República Federal Alemã por ter sido desmascarado durante um processo iniciado em Bonn no ano passado. Ostentando ao peito a condecoração

portuguesa, o criminoso Herbert Muller afirmou continuar a trabalhar pela «tradicional amizade» entre os herdeiros de Salazar e os imperialistas oeste-alemães, herdeiros de Hitler.

Três condecorações que expressam, sem necessidade de mais comentários, o verdadeiro carácter do governo de Caetano, e a essência da sua política enfiada nos mais destacados expoentes do imperialismo, racismo e colonialismo.

# Avante por melhores jornadas NAS CEIFAS

Unidos e organizados desde o início das ceifas, os trabalhadores do campo terão possibilidades de conseguir melhores jornadas e condições de trabalho.

Há que manter a tradição das praças de jornadas e criá-las onde não as há, pois aí os operários agrícolas podem combinar as suas reivindicações, apresentando uma frente unida e firme contra o patrão. Devem dissentir colectivamente as suas reivindicações, as formas de luta a seguir, e eleger as suas comissões de unidade.

Lutar por jornadas mais altas, pelas 8 horas de trabalho, contra as empreitadas, nas ceifas e nos outros trabalhos do campo!

# CONTRA AS ILUSÕES LEGALISTAS

(continuação da 1.ª pág.)

gláttera para ali assistirem, como socialistas, ao Congresso da Internacional Socialista? O mesmo sucederá em relação ao subseqüente noticiário nos jornais portugueses de grande tiragem, tanto sobre a viagem, como sobre as declarações do dr. Mário Soares no dito Congresso e do dr. Sornemho em Roma, quando da sua entrevista com o vice-chefe do governo italiano?

É isso que somos levados a pensar, pois doutra maneira não se compreende bem a razão que levou o dr. Mário Soares a declarar à BBC de Londres que era de boa política animar M. Caetano a ir para diante nas medidas «liberais». Que medidas liberais?

A política de M. Caetano é no fundamental a política de Salazar. É, porém, verdade que quanto a métodos, estilo e comportamento exterior, existem entre ambas diferenças substanciais. Não se queira, todavia, ver qualquer mudança de política num sentido liberal nas «aberturas» que M. Caetano tem sido obrigado a fazer. Durante o seu longo reinado de 40 anos,

também Salazar foi mais de uma vez forçado a operar recuos devido à acção das massas populares e dos democratas e à situação internacional desfavorável.

O agravamento da crise do regime, a intensificação e alargamento da luta da classe operária e das massas trabalhadoras à escala nacional, dos estudantes de Coimbra, Porto e Lisboa, dos intelectuais e de largos sectores da pequena e média burguesia urbana e rural, dos democratas, por melhores condições de vida, contra a repressão e pela amnistia, contra a censura e pela liberdade de expressão do pensamento, contra o imperialismo e pela independência nacional, contra as criminosas guerras coloniais, pela liberdade, a democracia, pela paz, isto sim, representa uma importante mudança na vida nacional. Isto sim, tem obrigado M. Caetano a procurar e onder a hediondez da ditadura fascista sob a máscara demagógica da «liberalização».

Será apenas pela luta tenaz e organizada das massas populares e dos democratas que se conquistarão novas posições à ditadura.

democratas, ao contrário, entravam o seu curso. Não a favorece igualmente a concepção defendida pelos mesmos elementos de que as comissões legais e o movimento democrático legal devem ter por base a representatividade partidária e ideológica. Se com isto não se tem em vista, e não tem, a denúncia dos comunistas que, como se sabe, não podem aparecer publicamente como tal, encobre no entanto uma política discriminatória visando afastá-los dessas comissões e impedir a sua participação no movimento democrático legal. Quer se queira quer não essa concepção é uma das variantes do anticomunismo que tanto mal tem causado à causa democrática e antifascista.

## Organizar para a acção unitária

Os passos dados no terreno da organização são sem dúvida positivos. Não chegam, porém, para conduzir uma ampla campanha nacional de massas no terreno das «eleições» para deputados.

A forma mais acabada da unidade é a organização. Organizando-se no mais variado tipo de comissões, as massas populares realizam na prática a sua unidade, unidade que lhes dará uma força capaz de arrastar tudo que a Nação tem de são e progressivo para a luta pelas liberdades democráticas e o progresso.

É, por isso, tarefa inadiável dos comunistas e dos militantes operários de vanguarda, dos democratas unitários, incentivarem nas fábricas, nos escritórios, nas aldeias, vilas e cidades, nas escolas, a formação de Comissões Democráticas para a actuação imediata, para o que não têm que esperar indicações de «cima», como não têm de esperar para se ligarem e coordenarem a sua actividade.

Toda e qualquer tentativa de certos «chefes», sejam de que quadrante forem, para escolherem entre si os elementos para as comissões deve ser firmemente combatida, por maior que seja a consideração que nos possam merecer. Reuniões e assembleias para a escolha das Comissões Democráticas, de Candidaturas, Eleitorais, etc., tal é a norma democrática que deve ser seguida pelas massas e pelos democratas unitários.

O inimigo comum a combater e a destruir é a ditadura fascista.

Forjemos no combate diário contra ela a unidade capaz de nos conduzir a esse objectivo, conquistando assim a liberdade política — reivindicação comum a todos os democratas portugueses.

# Quantias recebidas dos amigos do Partido

Abaixo o fascismo 1.000\$00	grevistas 200\$00
Idem 50\$00	Pedro Soares (1) 100\$00
Idem 50\$00	Pires Jorge 20\$00
Abaixo a guerra colonial 130\$00	Portugal democrático 100\$00
Acerto de contas 1.150\$00	Portugal livre 200\$
Amigo do Partido 100\$00	Por um Portugal livre 50\$00
Amigos e redtores 66\$50	Idem 50\$00
Idem 50\$00	Idem 200\$00
Amigo e redtores 50\$00	Primeiro de Maio 706\$00
Antifascista 100\$00	Professor P. Valente (1) 50\$00
Idem 100\$00	Progresso e socialismo 125\$00
António (1) 100\$00	Pró-instrução 900\$
Idem (2) 100\$00	Rumo à vitória 5.000\$00
Che Guevara 55\$	Sedov (1) 100\$00
Chelapin 700\$00	Sedov (2) 200\$00
Em honra de um militante 41\$00	Sedov (3) 100\$00
Em honra dum militante 80\$00	Soeiro Pereira Gomes 1.000\$00
Em memória de um militante 16\$00	Idem 55\$00
Ferrovários unidos 500\$00	Sofia Ferreira 200\$
Filho de peixe sabe nadar! (1) 20\$	Solidariedade antifascista 50\$00
Idem (2) 20\$00	Terrafel (1) 470\$00
Idem (3) 20\$00	Idem (2) 770\$00
Imprensa democrática (1) 50\$	Idem (3) 610\$00
Idem (2) 50\$00	Técnica socialista 500\$00
Idem (3) 50\$00	Uma família alentejana 200\$00
Iniciativa (1) 250\$00	Um intelectual amigo 500\$00
Intelectual progressivo 500\$	Um simpaticizante 1.000\$00
José Bernardino 200\$00	Idem 1.000\$00
Liberdade sindical (1) 80\$00	Idem 620\$00
Idem (2) 40\$00	Unidade de esquerda 1.200\$00
Libertação de Rogério de Carvalho 50\$00	Velha guarda presente 70\$00
Lopes 500\$00	Velho comunista 100\$00
Memória Ferreira Vicente 50\$	Viva a classe operária 100\$00
Militão Ribeiro 2.500\$00	
Operários	TOTAL 25.959\$50

## Organização — luta de massas — unidade de acção

A realização prática destas três condições de forma permanente é o único caminho seguro para a classe operária, os democratas e o povo português avançarem, através de novas brechas abertas pela sua luta no edifício fascista, para a conquista da liberdade e para o progresso do país.

As «aberturas» que alguns democratas mal avisados classificam de «mudança política» foram impostas pela luta das massas trabalhadoras e do movimento democrático no seu conjunto. São igualmente fruto dessa mesma luta e consequência da crise do regime por ela aprofundada, as últimas concessões condicionadas (que não deixam de ter a sua importância política) em relação à campanha «eleitoral» que está já em curso, anunciadas pelo ministro do Interior no dia 27 de Junho. Esta situação facilita em boa medida o incremento da luta das massas trabalhadoras e das forças democráticas por objectivos imediatos concretos.

Não é cedo, por exemplo, para escolher e organizar em bases sólidas as listas unitárias de candidatos em todos os distritos do País e os respectivos programas, os quais não podem deixar de ser uma confrontação total com o regime e com a política anti-democrática, fascista, do governo. Não se trata apenas, como pretende o governo, de «por ao eleitorado uma simples opção de candidaturas» e da Oposição se conter «nos estritos limites dos círculos eleitorais e não fazer um plebiscito nacional». Trata-se justamente de opôr a democracia ao fascismo

e o progresso à estagnação e ao atraso.

As várias iniciativas dos democratas que tiveram lugar nos últimos meses — constituição de novas comissões democráticas, reuniões locais, distritais e nacionais, acções de solidariedade aos estudantes de Coimbra, Congresso Republicano de Aveiro — tiveram a caracterizá-las um firme espírito unitário. Os avanços verificados no terreno da unidade são sem dúvida positivos. Seria no entanto um erro grave considerar que já tudo está feito e que não existem ainda muitas e grandes dificuldades a vencer para construir uma verdadeira unidade de forças capaz de cumprir a tarefa de derrubar a ditadura fascista.

«Da direita à esquerda, todos fomos forçados, forçados pela unanimidade popular, a reagir também unanimemente», disse um democrata durante o Congresso de Aveiro. A palavra «forçados» tem a sua razão de ser orquando as lindas palavras sobre a «Frente Ampla Democrática», a «unidade sem discriminações», a «coligação» (embora contraposta à unidade) de que falaram ou foram «forçados» a falar certos «socialistas inilustres» de destaque não têm nenhuma correspondência em actos.

«Socialistas» do Porto e Braga apresentaram-se na última reunião nacional de democratas realizada em S. Pedro de Moel, como representantes das respectivas Comissões Distritais. O facto não podia ter deixado de causar estranheza e reacção porque, como é conhecido, esses mesmos elementos sempre agiram para travar a sua constituição, e isso por motivos óbvios. Se se tivessem apresentado como delegados de segundas Comissões Distritais formadas por si, no nosso opinião, seria apenas um problema novo a encerrar no terreno da acção unitária. Porque não o fizeram? Receio de serem acusados de divisionistas? Ou uma tentativa para se imporem anti-democraticamente como dirigentes únicos dos dois distritos?

Não, estas atitudes dúbias não correspondem às palavras, não favorecem a unidade de acção dos

# NOVO IMPULSO À LUTA REIVINDICATIVA!

## Cresce a movimentação NOS SINDICATOS

**O**S OPERÁRIOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DO PORTO movimentam-se pela revisão do Contrato de Trabalho de 1968, já então desactualizado.

**OS ENFERMEIROS DA PREVIDÊNCIA** pressionam a direcção do seu Sindicato a fazer diligências com vista à actualização dos vencimentos, fixados há dez anos. Procuram unir os esforços entre os colegas de vários distritos.

**OS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO** (Secção de petróleo) exigem a revisão do Contrato Colectivo de Trabalho e protestam contra a proposta de CCT elaborada pelas grandes companhias, em que os salários e regalias são inferiores aos que a maioria da classe já sofreu de facto.

Grças à movimentação da classe, foi denunciado o actual CCT dos **MOTORIZADAS** pela Direcção da Federação Regional do Norte do Sindicato dos Motoristas.

**Os JORNALISTAS** estudam a revisão do seu Contrato de Trabalho. Ao mesmo tempo, travam luta contra a Censura e por um novo Estatuto de Imprensa na discussão e elaboração do qual toda a classe participe.

**VITÓRIA DO PESSOAL DE PROPAGANDA MÉDICA** contra a Comissão Administrativa alojada no Sindicato. Pela sua combatividade e unidade a classe derrotou as manobras da Comissão Administrativa e conseguiu, para o dia 18 de Julho, a realização de eleições para a direcção do Sindicato.

**Os BANCÁRIOS DE LISBOA** manifestam a sua solidariedade ao presidente do Sindicato. Na sua última assembleia geral pediram a este que expulsa-se a razão por que fôra preso pela PIDE em 30 de Abril e como ele respondesse que não lho tinham dito, a assembleia resolveu, por aclamação, paralisar ao ministro das Corporações a razão da prisão do dirigente sindical, com o qual se solidarizavam.

**Os FERROVIÁRIOS** continuam a luta pela revisão do Contrato de Trabalho e exigem que sejam abreviadas as intermináveis negociações com que a direcção da CP pretende entrelá-los.

**Os ESTIVADORES DE LISBOA** não sindicalizados enviaram ao sindicato uma exposição, com cerca de um milhão de assinaturas, reivindicando a sua inclusão no Contrato Colectivo de Trabalho, já que actualmente desconstam para o Sindicato e não têm quaisquer regalias nem garantias de trabalho.

Outros sectores se têm movimentado nos sindicatos ou associações de classe como os empregados de seguros, os médicos, os internos dos hospitais, os geólogos que pretendem uma organização de classe e os profissionais de cinema, em defesa dos seus interesses económicos e direitos profissionais.

## ORGANIZAÇÃO E UNIDADE

**D**ar novo impulso às lutas reivindicativas dos trabalhadores é uma palavra de ordem central para todos os militantes e operários de vanguarda.

A grande vaga de lutas reivindicativas desencadeada durante estes meses marca um enorme progresso da combatividade e disposição de luta das massas trabalhadoras e um enriquecimento da sua experiência, quer no plano da luta económica e da consciencialização de classe, quer no plano político. A ofensiva audaciosa de largos milhares de trabalhadores representou o mais claro desmascaramento da política demagógica do governo de Marcelo Caetano, veio agudizar as suas dificuldades e arrancar ao governo e ao patronato concessões que sem luta não seriam alcançadas.

Classes inteiras entraram em luta e mantêm-se em luta; novas classes e camadas de trabalhadores empreendem acções reivindicativas; reacende-se com novo vigor a batalha no plano sindical; e a classe operária aprende na prática as vantagens de elevar a sua luta a níveis superiores e de coordenar e conjugar a sua acção por ramos de indústria, por regiões e à escala nacional.

Tirar as lições das vitórias e das derrotas, assimilar estas experiências tão variadas e ricas e desenvolvê-las para novos combatentes e novas vitórias — é dever de todos os trabalhadores, particularmente dos militantes comunistas e dirigentes operários. Isto está a verificar-se em algumas regiões, onde o trabalho organizativo começa a fazer-se em profundidade. Iniciam-se com êxito contactos entre comissões de unidade dos trabalhadores de várias empresas, ao nível regional, com o fim de criar uma estruturação organizativa, coordenar a acção e trocar experiências adquiridas durante a luta. É um trabalho aberto, com caracte-

terísticas amplamente democráticas, desde a discussão franca dos problemas e das reivindicações, até à escolha dos representantes dos trabalhadores para as comissões e as reuniões.

Paralelamente, há que criticar o trabalho fechado, revelando sectarismo dos dirigentes operários nalguns sectores, o que pode levar à diminuição do ímpeto combativo das massas, uma vez que estas não são chamadas a uma participação aberta e amplamente democrática na discussão dos seus problemas. Também aqui e ali se notam tendências para o «caciquismo» e enquistamento de dirigentes operários. São os próprios trabalhadores que devem escolher os seus representantes para as comissões de unidade, entre os que defendem com coragem os interesses da classe.

Todo o trabalho de organização tem que ser baseado nas reivindicações realmente sentidas pelas massas e dirigido por aqueles que, ligados a elas, no meio delas, as sabem representar. Só assim a unidade operária se cimta solidamente e só assim a organização é o instrumento das suas reivindicações.

Chamamos todos os trabalhadores à luta, organizada e unida, pelas suas reivindicações, entre as quais, em plano central, se coloca a de aumento de salários com escala móvel. Aumenta cada vez mais o custo de vida — devem aumentar automaticamente os salários.

Unidos e organizados para manterem as vantagens já conquistadas e não as deixarem arrancar pelo patronato, os trabalhadores devem desenvolver essa organização e unidade na luta permanente para novas metas vitoriosas!

## Quatro concentrações nos S. M. A. S. do Porto

**D**urante o mês de Junho, todos os trabalhadores dos Serviços Municipalizados de Águas e Saneamento do Porto (cerca de duas centenas), lançaram-se à luta reivindicativa realizando quatro concentrações sucessivas junto do portão principal da sede. Exigiam: aumento de vencimentos e promoções que se não verificam há cerca de dois anos, pagamento das horas extraordinárias a dobrar (é a singelo), revisão do pagamento dos piquetes e protestavam contra o desnível de vencimentos entre as categorias. As vagas promessas dos dirigentes há que opor mais combatividade e firmeza, indo até à «cerca» e paralisação de trabalho, para conquistarem a vitória!

## VITÓRIA NA SOTANCO

Na SOTANCO (Venda Nova), os milhares exigiram e obtiveram pela sua luta aumentos de 39 por cento, 41,5 por cento e 45 por cento sobre os salários anteriores, conforme as categorias.

## NA PÓLVORA

Nesta empresa de Moscovide, depois de uma movimentação dos trabalhadores, o período de férias foi aumentado de 18 para 24 dias por ano.

## PARQUE AERONÁUTICO

Cresce o descontentamento do pessoal porque os aumentos têm sido só através de promoções, e duma forma que não agrada aos operários. Estes têm continuado a insistir nas suas exigências.

## PARALISAÇÃO

Na AUTOMÁTICA ELÉCTRICA, as mulheres que trabalham nos armazéns do Prior Velho fizeram uma paralisação de trabalho em apoio da reivindicação de aumento de salários. Houve forte repressão por parte dos encarregados e engenheiros. As suas tentativas de violências, as mulheres responderam com bofetadas e insultos.

## OLAIO

Prossegue a acção reivindicativa dos operários, que graças à sua firmeza já conseguiram aumentos em Abril, e agora reivindicam o pagamento do 7.º dia. O patronato diz que o fará se os operários não voltarem a pedir aumento durante 2 anos, mas estes não cedem a esta manobra.

## LIBERDADE SINDICAL

# REIVINDICAÇÃO COMUM A TODOS OS TRABALHADORES

**A**s modificações que o governo foi forçado a operar na legislação sindical em nada mudaram o carácter fascista dos sindicatos nacionais. O alarido «liberalizante» de que foram motivo se, por um lado, mostrou que o governo quando uma crise o atinge e a pressão das massas populares em luta se faz sentir, tem necessidade de manobrar, de operar recuos tácticos, de ceder mesmo, por outro lado, procura deitar poeira nos olhos dos trabalhadores, adormecer a sua combatividade para na volta seguinte procurar vibrar-lhes novos golpes.

Ao contrário de que se tem pretendido fazer crer, o controle governamental sobre os sindicatos não diminuiu, se possível aumentou ainda mais. Os alcapões e as portas que a lei deixa abertos permitem ao governo e ao patronato e aos seus lacaios anichados nas direcções dos sindi-

catos nacionais cometer toda a casta de falcaturas e ilegalidades.

Assim, se antes o presidente da assembleia geral do sindicato podia decidir da elegibilidade dos sócios, agora será uma comissão designada pela mesa da assembleia geral, cuja composição terá de ser comunicada ao INT. As decisões duma e outra poderão ser impugnadas pelo INT ou por qualquer lacaio do governo e do patronato. O que isto significa adivinha-se facilmente. Por outro lado, os candidatos a dirigentes dos sindicatos terão de se munir de toda a documentação que prove que nada os inibe de exercerem o voto para a Assembleia Nacional. Claro como água que com isto o governo procura de facto impedir a escolha e eleição de homens e mulheres honrados, defensores dos interesses da sua classe, para as direcções dos sindicatos. Isto significa levar as

medidas restritivas políticas para os sindicatos. Torna-se assim muito mais fácil ao governo invocar pretextos para cortar candidatos às direcções sindicais.

A homologação das direcções pelo governo fica agora dispensada, considerando-se em exercício a partir da posse que poderá ter lugar dez dias depois da sua composição ter sido comunicada ao INT. Porém, este, como qualquer lacaio ao seu serviço, pode impugnar a eleição, assim como requerer ao tribunal de trabalho a substituição de dirigentes «que deixem de reunir as condições de elegibilidade estabelecidas». Basta que não sirvam os interesses do patronato e do governo. Tal como antes, o papel de órgão supremo do sindicato — a assembleia geral — fica reduzido a zero.

Os tribunais decidirão os diferendos que surjam, prescreve a legislação. Dada, porém, a sua

composição de classe e da nomeação dos juizes pertencer ao governo, as suas decisões serão sempre, no fundamental favoráveis a este e ao patronato.

Tudo isto mostra aos trabalhadores que a luta pela defesa dos seus interesses de classe tem de ser travada em primeiro lugar nas empresas, nos locais de trabalho.

Liberdade sindical, sindicatos independentes do Estado e dos patrões, tal é a reivindicação da classe operária e restantes trabalhadores. A luta unida e organizada por ela não ressupõe, porém, o abandono da luta dos trabalhadores nos sindicatos nacionais pelas suas reivindicações imediatas e pela eleição de direcções compostas de homens e mulheres honrados, fiéis à classe; pelo contrário, implica que a luta ali seja melhor organizada, reforçada e ampliada.



## POR UM AMPLO MOVIMENTO DE MULHERES

Integrada na luta geral do povo português pela conquista da democracia e da Liberdade, a luta das mulheres pelos seus direitos específicos fundamentais tem adquirido nos últimos meses nova expressão e novo vigor.

Erquando corajosamente a sua voz no II Congresso Republicano de Aveiro, apesar do seu pequeno número, trabalhadoras, intelectuais e estudantes salientaram vários aspectos das discriminações impostas à mulher portuguesa e exprimiram as aspirações de Liberdade e Progresso social da imensa maioria das mulheres e do povo em geral.

Participando nas acções de recenseamento e na luta contra as fraudes eleitorais, as mulheres têm demonstrado, em muitos pontos do País, que estão decididas a tornar efectivo o seu direito de voto. O mesmo ficou provado nas saudações enviadas ao Congresso Republicano, nomeadamente os telegramas de 50 mulheres do Porto e de 160 mulheres de Lisboa, «uma minoria relativamente a todas as mulheres que aspiram a uma participação efectiva na vida cívica», segundo as suas próprias palavras.

Sob pena de se desmascarar completamente aos olhos do mundo, e designadamente das mulheres portuguesas a quem acabava de conceder demagógicamente o voto, o governo de Marcelo Caetano não pôde reprimir estas ac-

ções, tal como aconteceu nas comemorações do 8 de Março. O carácter legal de que se revestiram, num período de grande ascenso da luta popular, poderá abrir novas possibilidades de acção para a conquista do direito de reunião e organização das mulheres, sem o qual não é possível falar de promoção e emancipação da mulher em Portugal.

As combatentes anti-fascistas, e as comunistas em primeiro lugar, deverão saber utilizar, sempre que seja possível, a grande força mobilizadora da acção legal, para falarem às suas compatriotas, para discutirem amplamente os seus problemas comuns, na luta pelos seus direitos comuns. Os graves problemas da maternidade e da infância, a situação e os direitos da mulher reclamam a realização de conferências, colóquios e outras iniciativas semelhantes.

Ao mesmo tempo, a participação das mulheres em amplas acções na batalha «eleitoral» que está em curso, e para além dela, encontra condições propícias para a tornar cada vez mais larga e efectiva. Impõe-se, para isso, a urgente formação de comissões de mulheres cívicas, democráticas e outras formas de organização.

No combate pela promoção económica, política e social da mulher, é necessário incentivar e coordenar as acções das mulheres com vista à criação, alargamento

e enlace das mais variadas formas de organização de mulheres nas principais cidades e centros do País.

A formação de um amplo movimento de mulheres à escala nacional é condição indispensável para que as mulheres portuguesas possam dar passos decisivos na luta pelos direitos da maternidade e da infância, contra o atraso económico, político e social da mulher, pela sua verdadeira emancipação.

## OS ESTUDANTES DE COIMBRA

(continuação da 1.ª pág.)

M. Caetano veio falar nos problemas da «educação» numa das suas demagógicas «conversas em família». Na pedagogia da violência policial, da degradação política e moral que tem campeado na Universidade de Coimbra se inscreve a «formação de carácter e da consciência cívica» por ele defendida. Contra ela e contra a «ordem» que a quer perpetuar se batem mais de 8.000 estudantes de Coimbra, em defesa dos seus direitos e dos mais elevados princípios humanistas.

Concretizando uma ameaça que já há tempos pairava sobre os estudantes, o Conselho de Ministros acaba de aprovar um diploma que torna dependente do respectivo comportamento escolar o adia-

## SOLIDARIEDADE A PALMA INÁCIO

Exijamos, junto da Embaixada espanhola, que o patriota PALMA INÁCIO, que acaba de ser preso em Espanha, não seja entregue pelas autoridades franquistas ao governo fascista português.

### PROTESTEMOS!

Contra o novo diploma de incorporação no serviço militar, de 24 de Junho, que ameaça enviar imediatamente para a guerra colonial os estudantes de Coimbra em luta.

mento da incorporação dos estudantes nas Forças Armadas, mas não será com represálias que o governo conseguirá desviar os estudantes do justo caminho da sua luta.

O levantamento das suspensões aos 8 dirigentes da Associação Académica representa um primeiro recuo dos governantes fascistas ante a luta indomável dos 8.000 estudantes de Coimbra e das acções de solidariedade no País e no estrangeiro. Este movimento de solidariedade que os fascistas têm procurado negar e esconder dá opinião pública nacional tem sido um importante factor para o desenvolvimento da grande luta de Coimbra e favorecerá o fortalecimento dos laços que unem os dirigentes às largas massas estudantis.

Não vindo satisfeitas as suas justas reivindicações, milhares de estudantes reunidos em plenário decidem continuar a greve aos exames.

Em Lisboa, onde se deslocaram em massa por motivo do jogo de futebol Académica-Benfica, os estudantes desfilaram pelas ruas da capital com o apoio e aplauso dos seus colegas da capital e da população. No Estádio Nacional, perante mais de 60.000 pessoas, foram agitados cartazes e bandeiras. «A Academia está de luto», «Universidade Livre», «Viva a Liberdade», podia ler-se nas inscrições. Antes do início do jogo e durante o intervalo, oradores estudantis explicavam o motivo da sua justa luta e a massa dos estudantes, aplaudidos entusiasticamente por grande parte da assistência, gritavam: «Mais ensino; menos polícia!», «Viva a Liberdade». A vergonhosa cedência da Federação de Futebol às pressões governamentais proibindo o uso de bradeiras para esconder do povo a luta de Coimbra resultou ineficaz.

A luta dos estudantes de Coimbra continua e não pode parar até à completa satisfação das reivindicações imediatas dos estudantes. Também não pode parar e deve crescer a solidariedade activa de todos os estudantes do País, dos democratas, dos trabalhadores até

- que sejam anulados os processos criminais e disciplinares!
- que sejam levantadas as faltas!
- que seja marcada nova época de exames!
- que cesse a repressão!
- Os estudantes de Coimbra vencerão!

## A ESCALADA DOS PREÇOS CONTINUA preparam-se novos aumentos:

- A SUBIDA DO PREÇO DO PÃO
- AS TARIFAS DOS CAMINHOS DE FERRO
- OS TRANSPORTES COLECTIVOS DO PORTO

Publicamente e para já, vieram a lume referências oficiais que deixam prever para breve estes três aumentos em sectores de importância fundamental na vida da população. Isto não quer dizer que outros não se preparem pela calada

Além dos aumentos por decreto ou beneplácito oficial que já referimos em número anterior do «Avante!», subirão entretanto escandalosamente os preços das hortaliças, cebolas, frutas, peixe. Hoje aqui, amanhã ali, continuaram a subir os preços dos transportes, da água e da electricidade, e em toda a parte aumentam as rendas de casa.

O escândalo da batata, que chegou a atingir o preço de 6\$00 por quilo, veio desmascarar o protecţionismo fascista aos grandes intermediários armazenistas e importadores, através da convivência com estes da Junta Nacional das Frutas e da própria Inspeção Geral das Actividades Económicas, com os seus malabarismos no tabelamento do preço da batata.

Sobre as novas tentativas de aumento do preço do pão, requerido pelos industriais de panificação, disse o secretário de Estado da Indústria que o seu colega do Comércio «está a estudar essas pretensões com toda a urgência e objectividade que permitam uma

solução justa em tempo justo». É claro que não será encarada a única solução justa, que seria a diminuição dos grandes lucros da indústria moageira fortemente concentrada e com regalias de monopólio. Por sua vez, os grandes industriais de panificação que dominam o seu sector graças à forte concentração operada no ramo, começam a sentir-se com forças para impôr também os seus interesses. As contradições que se levantam entre o monopólio da moagem e o nascente monopólio da panificação, não serão resolvidas certamente em prejuízo de um nem do outro, mas cairão com todo o seu peso sobre as massas trabalhadoras que, se não lutarem contra a subida do preço do pão, vê-la-ão decretada, mais tarde ou mais cedo.

Quanto ao aumento das tarifas da CP, espera-se para breve a decisão do ministro das Comunicações em relação ao montante dos aumentos e à data de entrada em vigor da nova tabela. Os tubarões instalados na direcção, por cada migalha que dão aos trabalhadores chamam a si uma nova e grossa fatia. Neste caso, comerão a fatia antes de dar a migalha, porque o argumento para a subida das tabelas é a próxima revisão do Contrato de Trabalho. E ainda o

Caetano tem o descaramento para invocar o «ciclo infernal» como pretexto para o congelamento de salários...

O aumento dos bilhetes de comboio arrastará atrás de si, por ricochete, novos aumentos nos transportes de camionagem e de carga em todo o país.

O povo português está pois a sentir na bolsa que a demagógica campanha caetanista «contra a subida dos preços» se desmascarou definitivamente. O governo de Caetano já não pode esconder que a escalada dos preços continua, comandada pelos interesses dos monopólios, dos grandes intermediários e dos latifundiários. Desmascarou-se a demagogia e falhou um dos objectivos que ela visava — a tentativa de paralisar a luta das massas trabalhadoras por aumento de salários.

As vitórias conseguidas com as grandes lutas reivindicativas operárias que se vêm desencadeando desde Janeiro, animam os trabalhadores a prosseguirem o combate pelas suas reivindicações económicas mais urgentes para poderem fazer face ao agravamento do custo de vida e devem servir de estímulo ao aumento da resistência organizada das massas populares contra as novas subidas de preços em preparação.

**TARRAFAL  
CAMPO DE MORTE  
CAMPO DO SILÊNCIO**



**A TRAGÉDIA DO ZAMBEZE  
FRUTO DUMA POLÍTICA CRIMINOSA**

Aberto em 1956, o campo de concentração do Tarrafal funcionou durante cerca de 20 anos. Por ali passaram centenas dos melhores filhos do nosso povo. Ali perderam a vida dezenas e dezenas deles, como Bento Gonçalves, então secretário-geral do Partido Comunista Português, e Mário Castelhana, último secretário-geral do C.G.T. O campo do Tarrafal tornou-se conhecido como o Campo da Morte Lenta e de facto assim era. Salazar foi forçado a encerrá-lo, pela luta tenaz do povo português apoiado na solidariedade internacional.

Mas o campo de concentração de Tarrafal voltou a funcionar para presos políticos. Desde há alguns anos, os patriotas dos movimentos de libertação das colónias portuguesas em África estão sendo para lá atirados, sem quaisquer condições de defesa.

O campo de concentração do Tarrafal voltou a ser o campo da morte lenta e do silêncio. Campo da morte lenta, pois o tratamento reservado aos patriotas dos movimentos de libertação das colónias portuguesas ultrapassa em violência e desumanidade o que ali sofreram centenas de portugueses. Campo do silêncio porque nada tem filtrado até nós do que ali se está a passar.

O silêncio é uma das armas predilectas da camarilha fascista governante. Todos nós, democratas e patriotas portugueses, anti-colonialistas, somos um pouco responsáveis por este silêncio sinistro. Há que quebrá-lo, procurando por todas as formas conhecer o que se passa no Tarrafal. O eco das torturas que os fascistas estão ali cometendo tem de ser ouvido no nosso País e no estrangeiro.

Fazei chegar até nós, assim como às emissoras Rádio Portugal Livre e Voz da Liberdade todas as informações do vosso conhecimento sobre o tristemente célebre Campo de Morte Lenta.

**DEFENDER A PAZ!**

Na última semana de Junho reuniu-se na República Democrática Alemã a Assembleia Mundial da Paz, com a ampla participação de mais de 1.000 delegados de todos os países do mundo (entre eles de Portugal), representando 56 organizações internacionais e 320 organizações nacionais.

O encontro revestiu-se duma particular importância, neste momento em que se desenvolve a luta contra o imperialismo e pela paz.

O problema do Vietnã foi o seu tema central, tendo sido aprovados uma resolução e um apelo para uma campanha de solidariedade ao povo vietnamita e pela cessação da agressão americana.

O Apelo à Luta pela Paz aponta as forças que a ameaçam e chama os povos a unirem-se contra as forças da reacção e da guerra.

O povo português que poderá dar uma importante contribuição à luta pela paz intensificando concretamente a luta contra as guerras coloniais, contra a NATO e as bases militares estrangeiras em Portugal, prestando activa solidariedade à luta do povo do Vietnã.

«Estamos convictos de que no momento actual se pode preservar a paz» — afirmaram os participantes no Encontro. Há que unir as forças que a defendem para que uma paz durável se torne uma realidade.

A morte trágica no rio Zambeze de 101 militares e 5 civis que veio enlutar centenas de famílias, é um novo elo da cadeia de desastres e derrotas que os colonialistas portugueses têm vindo a sofrer nas guerras coloniais. Junta-se ao revés militar de Fevereiro passado, quando meia centena de militares morreram no rio Corubal, na Guiné, fugindo à perseguição dos guerrilheiros guineenses que tinham conquistado aquartelamentos portugueses na região do Bué.

Quanto à catástrofe do Zambeze, ainda mal esclarecida, ressaltam já no entanto alguns aspectos que mostram o criminoso desprezo dos comandos militares pela vida dos soldados, o

batelão em que se efectuava a travessia do rio, ainda em fase final de construção, não tinha sido vistoriado, foi excessivamente sobrecarregado com mais de 150 homens, viaturas e material militar, atravessou o rio num ponto perigoso e de noite. Resta uma pergunta: porquê tanta precipitação na travessia?

Desastres e numerosas derrotas têm sido os resultados colhidos pelo governo de M. Caetano com a intensificação das guerras coloniais. Em Janeiro, a Comissão Política do C.C. do Partido Comunista afirmava: «Salazar pretendia poder continuar a guerra indefinidamente». M. Caetano numa errada estimativa da situação internacional, parece preten-

der poder ganhá-la. Uma tal política de aventura trará de certeza horas ainda mais sombrias à nação portuguesa». Os recentes factos comprovam esta previsão, como o futuro não distante comprovará que a luta terminará pela conquista da independência dos povos de Angola, Guiné e Moçambique.

Crime contra os povos coloniais e crime contra o povo e a nação portuguesa, as guerras coloniais são odiadas pelo nosso povo. Esse ódio cresce principalmente entre os jovens militares. O resultado dum inquérito feito entre os cadetes de Mafra é muito elucidativo a este respeito: pronunciaram-se contra a guerra colonial 70 e tal por cento. A favor, somente 11 por cento. Os restantes abstiveram-se. O crescimento de ano para ano do número de refractários e desertores reflecte este mesmo estado de espirito.

Nas manifestações do 1.º de Maio, na vigília da passagem do ano em S. Domingos, na manifestação de rua quando do funeral de António Sérgio e na manifestação de solidariedade ao Vietnã, as massas populares, a juventude, os democratas, demonstraram o seu repúdio pelas guerras coloniais. E no recente Congresso Republicano de Aveiro uma das conclusões aprovadas é a exigência de um «debate livre sobre o problema da guerra em África e as suas implicações no âmbito geral da nação». Debate necessário e urgente para apuramento e definição de posições, para o maior esclarecimento do problema, para fazer avançar a luta contra a guerra colonial.

Um dos objectivos concretos e imediatos apontados pelo Partido Comunista aos combatentes antifascistas e a todo o povo português no actual momento político é a luta pelo fim imediato da guerra colonial, pela abertura de negociações com os movimentos de libertação das colónias, pela cessação imediata dos combates, pelo regresso dos expedicionários!

**As culpadas eram as estatísticas**

Na sua entrevista ao jornal «New York Times», referida nos jornais portugueses de 21 de Maio passado, M. Caetano declarou que a estagnação económica do País é mais aparente — «fruto de más estatísticas» — do que real.

Crise na agricultura quase geral? Desenvolvimento industrial a passo de tartaruga? Crise nas indústrias têxtil e de conservas de peixe? Crise na pesca? Portugal país atrasado e em último lugar na escala da Europa? Nada disso, diz o chefe do governo. Tudo é «fruto de más estatísticas».

Todos sabem que as «más estatísticas» não pecam por desfavorecer a camarilha governante. Muito pelo contrário. Mas, como se está vendo, M. Caetano deu em pensar de maneira diferente.

E de prever, pois, para breve, uma modificação radical nos métodos de elaboração dos estatísticas de modo a permitir que se eleve (no papel, já se vê) em curto prazo Portugal ao nível dos países desenvolvidos da Europa.

Se Salazar faz valer como lei a inscrição de empréstimos por recibos, porque não há de poder o seu sucessor vir ordenar agora que se inscreva nas estatísticas aquilo que se não produz?

**Angelo Veloso**

**Martins Pedro e Cabral de Matos**

**NAS GARRAS DA PIDE**

Desde o dia 26 de Maio estão nas mãos da PIDE, incommunicáveis, sujeitos a torturas e violências, três destacados militantes comunistas: Angelo Veloso Martins Pedro, Cabral de Matos e outros patriotas.

Angelo Veloso, há mais de 10 anos na clandestinidade nas fileiras do Partido Comunista, dedicou a sua vida desde muito jovem ao combate pela libertação do povo português. Foi preso pela primeira vez em 1951, como membro da Comissão Central do MUD Juvenil. Em Fevereiro de 1955 voltou a ser preso e, embora condenado a 2 anos, esteve na prisão até 1959. Voltou imediatamente à luta, desde então na clandestinidade, com aquele entusiasmo e vigor combativo que o tornaram um destacado dirigente da juventude, com a firmeza e valentia de que deu provas perante as torturas da PIDE, aliadas à capacidade, inteligência e dedicação postos ao serviço da luta pela Democracia e o Socialismo.

Manuel Martins Pedro, activo militante comunista, distinguiu-se na defesa dos interesses dos empregados de Seguros, sua profissão. Preso em 1959, teve um comportamento corajoso e firme perante a PIDE. Depois da sua libertação, em 1964, prosseguiu a luta na clandestinidade.

Cabral de Matos foi um destacado dirigente das lutas estudantis de 1962, 1963 e 1964, ano em que foi forçado a continuar a luta na clandestinidade.

Angelo Veloso e os seus companheiros que dedicaram a sua vida à luta e provam estar dispostos a sacrificá-la ao enfrentar corajosamente as torturas da PIDE, correm graves perigos nas mãos destes criminosos sem escrúpulos.

Só um mês depois da sua prisão, um mês inteiro em que os nossos camaradas estiveram a ser torturados nos antros da PIDE, é que esta veio a público com o comunicado, recheado de falsidades, em que apresenta como única razão das prisões o facto de serem comunistas. Aparece

aqui mais uma vez o anticomunismo como arma contra o Partido da classe operária, instrumento psicológico para espalhar o ambiente de intimidação e terror e manobra com nítidos propósitos de divisão da Oposição democrática. Não colaborar nesta manobra é um imperativo que se põe a todos os antifascistas, se de facto não querem ver recuar o ímpeto combativo da ofensiva democrática.

De todos os golpes policiais que tem sofrido, se tem levantado o Partido Comunista reforçado na sua coesão, tomando medidas de defesa adequadas, cerrando fileiras e tapando as brechas, para prosseguir o combate com redobrado ardor. Sempre assim tem sido ao longo de mais de 40 anos de perseguição fascista, e devem tê-lo presente aqueles grupos e sectores da Oposição que se possam deixar impressionar ou tentar pelo anticomunismo caetanista. A resposta firme à campanha anticomunista de Caetano e seu governo, neste momento, é garantia de continuidade e coesão para todo o movimento antifascista e defesa activa contra a avanço repressivo em curso.

Há que fazer ver ao governo de Caetano que as suas manobras não encontram ambiente propício; que a continuação e refinamento dos métodos repressivos salazaristas encontram pela frente um movimento unido contra a repressão e pela amnistia; há que fazê-lo recuar!

Impõe-se dar expressão prática a esta posição firme, reclamando que cessem as torturas da PIDE a Angelo Veloso e seus companheiros, organizando em sua defesa comissões que recolham assinaturas, desenvolvam uma campanha de cartas, telegramas e telefonemas ao ministro do Interior, à PIDE, a M. Caetano, aos jornais e outros órgãos de informação.

**REFORCEMOS O MOVIMENTO PELA AMNISTIA A TODOS OS PRESOS POLÍTICOS!**

## Pela unidade Contra o imperialismo

(continuação da 1.ª pág.)

vatórios, todos os Partidos tiveram oportunidade de intervir, expondo os seus pontos de vista. Os documentos aprovados são pois o resultado de um grande trabalho dos Partidos que culminou na própria Conferência, reflectem a opinião dos participantes e tiveram também em conta a situação dos Partidos e as suas tarefas no plano nacional.

O Documento principal sublinha que a Conferência teve lugar num momento importante da situação internacional, em que se acentua o papel agressivo do imperialismo e se desenvolve impetuosamente a luta revolucionária, democrática e anti-imperialista.

Na luta contra o imperialismo unem-se as três grandes forças contemporâneas: o sistema socialista mundial, a classe operária internacional e o movimento de libertação nacional. A situação actual caracteriza-se, diz o Documento, por um aumento das possibilidades para um novo avanço das forças revolucionárias e progressistas e da unidade de acção dos comunistas e de todas as forças anti-imperialistas com vista ao desenvolvimento de uma ofensiva mais larga contra o imperialismo, contra as forças da reacção e da guerra.

Da análise dos acontecimentos dos últimos dez anos tira o documento a conclusão de que a nossa época é a época da passagem do capitalismo ao socialismo, e de que o imperialismo não pode já, de forma alguma, travar este movimento irreversível e mudar a correlação de forças a seu favor. Os acontecimentos dos últimos dez anos mostraram, com mais clareza do que nunca, que o imperialismo americano é o explorador e o polícia do mundo, o adversário impiedoso dos movimentos de emancipação. O imperialismo procura atrasar a expansão mundial do Socialismo, sufocar o movimento de libertação nacional, e reprimir as lutas dos trabalhadores nos países capitalistas, mas isso não travará o declínio irreversível do capitalismo.

No encerramento dos trabalhos da Conferência foi mais uma vez sublinhado que as ideias imortais de Marx e de Lênine sobre o internacionalismo proletário e os ensinamentos de Lênine como dirigente da Revolução Socialista e do Movimento Comunista, estiveram sempre presentes na Conferência e foram a base do seu êxito.

Todos os documentos foram aprovados com prolongados e calorosos aplausos de todos os participantes, que encerraram os trabalhos cantando a uma só voz o hino dos comunistas e da classe operária, «A Internacional».

## INTERVENÇÃO DO CAMARADA ÁLVARO CUNHAL na Conferência Internacional dos Partidos Comunistas e Operários

O camarada Álvaro Cunhal, Secretário Geral do Partido Comunista Português, começou por saudar os Partidos irmãos participantes na Conferência e o Partido Comunista da União Soviética e o povo soviético que a legítimo título viram a sua capital escolhida para a realização da Conferência.

As forças revolucionárias de qualquer país, disse depois, têm beneficiado e beneficiam, na luta contra o imperialismo, da acção das forças revolucionárias de todos os outros países. Os êxitos de cada Partido Comunista que luta nas condições do capitalismo são inseparáveis da eficiência, dos êxitos, do apoio dos países socialistas e do impacto internacional das suas vitórias. Entre os países socialistas, a União Soviética pelas suas realizações, as suas experiências, o seu poderio económico e militar e a ajuda efectiva e multiforme que presta aos trabalhadores e aos povos de todo o Mundo é o maior baluarte das forças revolucionárias e garante, com o seu peso decisivo, a defesa do campo socialista no seu conjunto. Nenhum Partido poderá jamais dizer que fez a revolução apenas com as suas próprias forças. Nem na actual situação mundial as forças internas de um país onde triunfe a revolução proletária poderiam só por si assegurar face ao imperialismo a consolidação da vitória alcançada e o desenvolvimento e a defesa da sociedade socialista. Se por agressão do imperialismo ou por acção das forças contrarrevolucionárias o poder dos trabalhadores estiver ameaçado num país socialista, é dever sagrado dos demais países socialistas e de todo o movimento operário internacional acorrer em sua defesa. As forças reaccionárias fizeram do anti-sovietismo uma direcção fun-

damental do seu combate contra os Partidos Comunistas, sendo nisso coadjuvadas pela pressão política dos socialistas de direita e dos grupos esquerdistas da pequena burguesia. Cometeria um erro trágico qualquer Partido irmão que supuzesse serem simplificadas as suas tarefas nacionais ou a realização das suas alianças políticas afastando-se do Partido Comunista da União Soviética ou adoptando, a respeito deste, um criticismo sistemático, pois se paga sempre caro o sacrifício de posições de princípio à busca do êxito imediato.

Ao longo de meio século decorrido desde a Revolução de Outubro, comunistas de todos os países pagaram com a vida ou longos anos de prisão a sua amizade e solidariedade com a União Soviética. Dessa dura prova os Partidos não saíram enfraquecidos, mas, reforçados no seu prestígio, autoridade e influência. Na situação actual, a agressividade e a pressão ideológica do imperialismo exigem que tais provas de coragem física e ideológica continuem a ser dadas, e que se reforce a unidade do movimento comunista em torno da União Soviética, em torno do sistema socialista.

Trabalhar para a unidade, disse mais adiante o camarada Álvaro Cunhal, não significa apenas fortalecer os laços de cooperação entre aqueles que a desejam. Significa também combater a acção daqueles que declaram ser seu objectivo denegrir e destruir os Partidos Comunistas, socavar a comunidade socialista, desintegrar o movimento comunista. Por isso, o nosso Partido, pela sua parte, entende ser seu dever combater as concepções e actividades nacionalistas chauvinistas, expansionistas, anti-soviéticas, cisionistas,

dos dirigentes chineses, ainda mais agravadas com a chamada revolução cultural e o recente congresso realizado em Pequim.

A unidade do campo socialista, do movimento comunista internacional, e a aliança com o movimento nacional-libertador, defendem-se e reforçam-se combatendo estas actividades e não fazendo silêncio sobre elas.

O camarada Álvaro Cunhal sublinhou depois que o internacionalismo proletário, a solidariedade recíproca, são os princípios básicos das relações entre os Partidos Comunistas e Operários e que deles decorrem os outros princípios: a independência, a igualdade, a não ingerência nas questões internas. Estes princípios constituem um importante factor para a luta em cada país e para a coesão do movimento comunista. Em cada país, a revolução socialista tem os seus traços distintivos e originais; cabe a cada Partido trazer a sua própria linha política e tática; entretanto, um partido marxista-leninista não entende a independência como uma posição de estreiteza nacional, de isolamento, de separatismo; não considera os interesses próprios como alheios ou superiores aos interesses comuns do movimento comunista; a independência de cada partido é inseparável da sua política internacionalista.

Mais adiante, o camarada Álvaro Cunhal expôs o acordo do Partido Comunista Português com os projectos de documentos e com os objectivos de acção comum contra o imperialismo neles definidos, que correspondem aos problemas essenciais no actual momento histórico de fronteira do povo português e os povos das colónias portuguesas de Angola, Guiné e Moçambique.

Falou depois largamente da situação existente em Portugal, desmascarando a manobra demagógica-liberalizante do governo de Marcello Caetano. Salvo pequenas mudanças de fachada, nada de essencial mudou na política fascista. Sem Salazar, o salazarismo continua. Entretanto, o agravamento da crise do regime fascista de que essa manobra é índice, abriu possibilidades novas ao desenvolvimento da luta pela democracia. Regista-se um grande fluxo da luta popular. Nos primeiros meses de 1969, cerca de 100.000 trabalhadores participaram em greves e paralisações. Os estudantes fazem grandes assembleias, greves e manifestações. As forças democráticas reforçam a sua unidade e a sua luta pelas liberdades fundamentais. O Partido Comunista, clandestino há quarenta e três anos, embora continue sendo o alvo principal da repressão, desempenha um papel decisivo no desenvolvimento da luta popular. Este ano, será um ano de grandes batalhas políticas contra a ditadura fascista.

O camarada Álvaro Cunhal sublinhou que o Partido Comunista Português, ao lutar hoje para varrer o fascismo de Portugal e para instaurar um regime democrático, tem sempre diante de si a perspectiva e o objectivo de um futuro Portugal Socialista.

A acção comum para a realização das tarefas urgentes da luta anti-imperialista não limita, antes abre seguro caminho para a cooperação e a unidade do movimento comunista na luta pelos seus objectivos futuros. Os Partidos Comunistas visam não apenas realizar as tarefas imediatas e urgentes da luta anti-imperialista, como transformar o mundo, por fim definitivamente ao imperialismo, conduzir os trabalhadores à conquista do socialismo e do comunismo. Esta é a própria razão de ser do movimento comunista, é o objectivo da luta revolucionária que conduz cada Partido Comunista. E a luta com este objectivo que torna o movimento comunista a força motora das transformações históricas da nossa época, a época da passagem do capitalismo ao socialismo.

Referiu depois os ensinamentos fundamentais do marxismo-leninismo que a experiência revolucionária comprova, acerca do papel de vanguarda e dirigente da classe operária na revolução socialista e na ditadura do proletariado. E concluiu afirmando: Confiamos em que a Conferência será uma decisiva contribuição para a unidade das forças anti-imperialistas, para o desenvolvimento da luta contra o imperialismo. Confiamos em que da Conferência sairá reforçada a amizade, a cooperação fraternal, a unidade dos Partidos Comunistas e Operários na luta contra o imperialismo e o colonialismo, na luta contra a guerra e a agressão, na luta pela liberdade dos povos e das nações, na luta pela paz, na luta pelo socialismo e o comunismo.

## Vietnam

### APROXIMA-SE O DIA DA VITÓRIA

Saudamos calorosamente o Governo Revolucionário Provisório do Vietnam do Sul cuja formação constitui uma enorme vitória do povo vietnamita.

Mal foi conhecida a criação do Governo Revolucionário Provisório, desenvolveu-se internacionalmente um grande movimento de apoio encabeçado pelos países socialistas que imediatamente o reconheceram. Mais de 20 países, até hoje, já reconheceram o Governo Revolucionário Provisório. O reconhecimento do G.R.P. do Vietnam do Sul por vários países do chamado terceiro mundo, é um facto que mostra por si só um novo reforço, alargamento e determinação da luta dos povos contra o imperialismo.

Os participantes da Conferência Internacional dos Partidos Comunistas e operários, reunidos no momento da formação do G.R.P., aplaudiram calorosamente a sua constituição e consideraram-na uma nova e importante etapa da luta heróica de libertação do povo sul-vietnamita. Asseguraram ao Governo Revolucionário Provisó-

rio o total apoio à sua luta pela vitória completa.

O Governo Revolucionário Provisório é o legítimo representante do povo sul-vietnamita e o seu Programa de governo, em 12 pontos, corresponde inteiramente aos interesses do povo. Dez milhões e meio de sul-vietamitas são já directamente governados pelo G.R.P. e mais de 20 comités populares revolucionários, democraticamente eleitos, funcionam já em diversas regiões do Vietnam do Sul. O G.R.P. fez seu o programa de 10 pontos da Frente Nacional de Libertação para a solução do problema sul-vietnamita, e vai desenvolver a sua acção na luta pelo fim da agressão americana ao Vietnam, pela construção de um Vietnam do Sul independente, livre, pacífico e neutro.

Na Conferência de Paris sobre o Vietnam, a delegação do G.R.P. expôs as suas posições, entre elas a exigência da substituição de Thieu e de Van Huong e a formação de um gabinete de paz no respeito pelas liberdades democráticas do povo e que se disponha a

discutir numa base séria com o G.R.P. as soluções com vista a pôr fim à guerra.

Neste momento, em que o Governo Revolucionário Provisório vai dinamizar ainda mais a luta do povo vietnamita, e em que se aproxima o dia da vitória final, é necessário que aumente a solidariedade activa ao povo do Vietnam. Para o dia 20 de Junho, aniversário dos acordos de Genebra, prepara-se em todo o mundo uma grande Jornada Internacional de solidariedade ao Vietnam.

#### Fazemos o apelo:

Enviai cartas, postais, telefonemas à Embaixada dos Estados Unidos em Lisboa e aos seus consulados na província e manifestativos, reclamando:

- Retirada total e incondicional das tropas agressoras do Vietnam.
- Não intervenção nas questões internas do povo vietnamita.
- Direito do povo vietnamita a escolher livremente o seu destino!